

O reisado de sr. Marcolino: um lugar de memórias

The Reisado of Mr. Marcolino: a Place of Memories

Fernanda da Silva Garcez¹

Carlos Augusto Lima²

Resumo: O texto trata do reisado como “*lugar de memória*” em Morro do Chapéu, cidade do Piemonte da Chapada Diamantina, Bahia. Fundamentado na discussão sobre Memória e “*lugar de memória*” do autor Pierre Nora, o objetivo deste texto é refletir acerca do reisado do mestre Antônio Marcolino, sua narrativa e vivência, a partir do ano 2010 até os seus últimos dias de vida, no ano de 2017. Para a compreensão desta narrativa, será necessário destacar as relações entre sociedade e memória, questão fundante nas reflexões sobre Memória para o autor Maurice Halbwachs. Para tanto, definiu-se a estratégia teórico-metodológica de análise e compreensão da Memória como processo, que embora individual, ocorre em um meio social, dinâmico, resultante de uma construção social e da noção sobre “*lugar de memória*” a partir de Nora, como um elemento simbólico e memorial de uma comunidade.

Palavras-chave: Reisado. Memória. Lugar de memória.

Abstract: This summary deals with the reisado as a place of memory in Morro do Chapéu, municipality of Piemonte da Chapada Diamantina, Bahia. Based on the discussion about Memory and “place of memory” by the author Pierre Nora, the objective of this text is to reflect on the reisado of master Antônio Marcolino, his narrative and experience, from the year 2010 until his last days of life, in the year of 2017. In order to understand this narrative, it will be necessary to highlight the relationship between society and memory, a fundamental question in the reflections on Memory for the author Maurice Halbwachs. For that, the theoretical-methodological strategy of analysis and understanding of Memory as a process was defined, which although individual, occurs in a social, dynamic environment, resulting from a social construction and the notion of “place of memory” from Nora, as a symbolic and memorial element of a community.

Keywords: Reisado. Memory. Memory place.

¹ Fernanda da Silva Garcez é licenciada em Língua espanhola (UEFS, Feira de Santana, BA), pós-graduada em Docência do Ensino Superior, mestranda em Desenho, Cultura e Interatividade (UEFS). nandasgarcez@gmail.com

² Carlos Augusto Lima Ferreira é graduado em História (UCSAL, Salvador, BA), com mestrado e doutorado em Educação (Universidade Autônoma de Barcelona, UBA, Espanha). É professor Pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). caugusto@uefs.br

A tradição do reisado na cidade de Morro do Chapéu, localizada no Piemonte da Chapada Diamantina a aproximadamente 384 km da capital Salvador, constitui-se como parte da forte devoção católica rural, mesmo nas comunidades autorreferenciadas como quilombolas, como ocorre em Morro do Chapéu, a qual foi iniciada pelos quilombolas da comunidade Barra II, conhecida por Barra dos Negros, território a 12 km do centro de Morro do Chapéu, tradição essa passada de geração a geração até chegar ao mestre violeiro Antônio Marcolino, que foi o mestre condutor dessa narrativa até o ano de 2017, ano do seu “encantamento”. Partindo desta tradição religiosa e do núcleo familiar do mestre Marcolino, o reisado foi se erguendo na Memória coletiva de Morro do Chapéu.

Segundo o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, estudioso da folia de reis, (outra nomenclatura para os festejos que ocorrem entre 31 de dezembro a 06 de janeiro), o reisado pode ser entendido como um espaço camponês simbolicamente estabelecido durante um período de tempo igualmente ritualizado, para efeitos de circulação de dádivas — bens e serviços — entre um grupo precatório e moradores do território por onde ele circula. (BRANDÃO, 1981). Mas ele completa que não é uma definição fechada, e é, além disso, também um espaço simbolicamente reconstruído sobre as imagens, as performances dos corpos negros em movimentos, as músicas, as roupas e todos os outros elementos (materiais e imateriais) que integram o reisado.

Estudos recentes do doutorando Ribamar Oliveira (2022), pesquisador do reisado e dos corpos brincantes, afirma que o reisado é um acervo de gestos e movimentos herdados da tradição e encorpados pelas afrografias da memória que materializam a vida, percorrendo as narrativas tradicionais e alargando os limites discursivos, corporais e imagéticos. Entende-se por *Afrografias*, termo cunhado por Leda Martins (1997), a

relação entre rito e memória, grafadas através da *oralitura* e nos corpos negros, ambos assimilados como *lugar de memória*.

Parte-se do entendimento de *lugar de memória* a partir de Pierre Nora: Lugar de memória é então toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens ou o trabalho do tempo converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer (NORA, 1997, v.2: 2226). Para o autor, lugares de memória têm necessariamente três sentidos: material, funcional e simbólico, destacando que é preciso fugir à limitação da materialidade que prende o olhar apenas para o que é tangível desprezando os elementos abstratos que compõem o lugar de memória. Assim, o reisado se configura como este lugar material e simbólico. Material pelos elementos empíricos – corpo, dança, música, instrumentos, cores –; e simbólicos – pela manifestação da fé, da devoção, por pertencer à cultura popular e pela significação que possui para os próprios indivíduos que o praticam ano após ano. Como é simbólico a ao mesmo tempo material para o mestre Marcolino: é sua missão de vida, sua herança, e ao mesmo tempo é concreto, nas canções que ele entoava, na viola tocada, no chapéu cuidadosamente enfeitado de fitas coloridas.

Nora (1993) ressalta ainda que há uma outra questão na construção do lugar de memória, o que ele definiu como a vontade de memória, antes apontada como fundamental para a constituição dos lugares: ao lado da “vontade dos homens” é posto o “trabalho do tempo” como instrumento de constituição dos lugares de memória. Sem essa vontade, os lugares seriam modificados para lugares da história. Há na sociedade de Morro do Chapéu a vontade da preservação dessa cultura, há o reconhecimento da importância do reisado, esse lugar comum da memória coletiva, e isso é o querer que ele não se perca na história e nem no tempo.

Os conceitos de memória e de lugar de memória são importantes para entendermos a fundamentação teórica e metodológica de análise e compreensão do reisado, prática cultural e simbólica. Compreendemos a Memória como um processo permanente de construção e significação,

símbolo da cultura e da identidade coletiva. Sustentada pelos registros da memória oficial, as tradições religiosas e culturais, fatos, lembranças, práticas sociais são indicadores empíricos atuando como um reforço da ideia e sentimento de pertencimento a um lugar espaço-território, a uma cultura e a uma identidade. (POLLACK,1989).

A memória é a base fundamental para a construção de uma noção de coletividade. Logo, o reisado do mestre Marcolino é o elo entre o presente e o passado que ergue a identidade coletiva dessa comunidade. É o lembrar, a lembrança no presente, que garante a permanência da memória. Segundo Halbwachs (1990), as memórias individuais e as coletivas se complementam,

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos que só nós tivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. (HALBWACHS, 1990, p. 26)

Enquanto Nora define a memória, defendendo que

a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos, estando em permanente evolução, alerta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar algum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória. (op. cit., p. 18)

Para Nora

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (NORA, 1993: 12-13).

Compreender o sentido e o significado da memória e a sua relação com a construção das identidades é entender a importância das manifestações culturais populares, religiosas, como o reisado. Reconhecer a vivência e a narrativa do mestre Marcolino, e a de todos os integrantes do grupo, é garantir-lhes o papel de protagonistas de uma memória que, embora oficial, eletiva, reaviva em cada corpo negro ali pertencente, sejam novos ou velhos,

4

a certeza de pertencimento, mesmo que intuitivo, que o reisado, como tradição familiar e cultura popular, alimenta e demarca a identidade social em Morro do Chapéu.

Assim, considerando as discussões e reflexões aqui apresentadas, o reisado se configura como elemento ideológico, que age diretamente na formação e nos processos de constituição da memória e no lugar de memória, sendo ele integrado à concepção e à constituição da coletividade e dos indivíduos.

Conclusões

O reisado do mestre Marcolino é lugar de memória, que transita entre ser um elemento pertencente à memória institucional, coletiva de Morro do Chapéu, e ser um lugar simbólico, grafado na oralitura e nos corpos negros, logo pertencente à memória subalternizada. Foram as vivências do mestre violeiro Antônio Marcolino e demais familiares, homens negros e sertanejos, que desenharam inconscientemente, usando a oralitura, os corpos negros e todo o universo performático do reisado instrumento de fé e devoção, a memória coletiva dos Morrenses, sendo o reisado um lugar de coesão e representação tanto do indivíduo, Antônio Marcolino, como também a constituição da identidade coletiva da sociedade de Morro do Chapéu.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais**. Petrópolis: Vozes, 1981.

DE OLIVEIRA JUNIOR, Ribamar José. Corpo Brincante:: a presença travesti nas performances dos quilombos de Reisado. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 12, n. 3, p. 1-30, 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, n. 10. São Paulo, dez.-1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.